Teoria Social: Novos Desafios

Coordenação: VILMAR FARIA

Participantes: Prof. Bernardo Sorj

Prof. Fábio Wanderley Reis

Prof. Bernardo Sorj

Foi solicitado que falássemos sobre temas de fronteira nas Ciências Sociais. À primeira vista, para as pessoas que moram no Brasil, certos temas de fronteira podem parecer como aquele pessoal que estava dançando no Titanic antes do confronto com o iceberg, ou seja, essas coisas são muito interessantes, mas o que têm a ver conosco, com as nossas urgências? Acredito que, queiramos ou não, o iceberg que está à nossa frente inclui os temas de fronteira. E isso possivelmente é parte da tragédia brasileira contemporânea. A aparência é que o iceberg só inclui uma dívida interna e uma dívida externa, mas na verdade elas encobrem um complexo muito maior que abrange os tais temas de fronteira. Tentarei mostrar um pouco isso.

Gostaria de falar do tema da Natureza e as Ciências Sociais. No mundo contemporâneo este é um tema que está se impondo e possivelmente será o tema central deste fim de século e do século XXI. As relações natureza e sociedade, é um tema que a Sociologia, as Ciências Sociais clássicas forma de certa form incapazes de elaborar satisfatoriamente. Duas questões podem explicar tal circunstância. Uma delas remete à história da Ciência Social, a uma realidade epistemológica interna dessa ciência; há também um contexto ideológico externo. Basicamente o modelo de Ciência Social predominante - e isso inclui as grandes teorias das Ciências Sociais - tentou criar uma teoria da lógica social, da natureza do social como algo autosuficiente. Inclusive algumas teorias às vezes contêm implícita uma certa referência à natureza humana, mas a sociedade começa onde essa tal natureza humana acaba ou é controlada, reprimida, eliminada, marginalizada. E fundamentalmente a teoria social tem uma lógica interna, uma consistência interna que, por sua vez, evidentemente, tem muito a ver com suas origens no século XIX, com a idéia do homem controlando a natureza, o homem dominando a natureza, a natureza a serviço do homem, com a idéia de progresso social, de desenvolvimentos mais ou menos sem limites. Obviamente neste fim de século a natureza está se

mostrando um dado muito mais complexo do que no século passado ou mesmo no início deste. Fundamentalmente o que está acontecendo é que o homem, através do processo social, está descobrindo a sua natureza natural, a sua natureza biológica, material. O homem, como toda espécie, é inseparável de seu nicho ecológico. Isso pelos caminhos mais diversos. O primeiro fato óbvio, o homem descobre que seus limites enquanto realidade natural estão ligados ao desenvolvimento da bomba atômica, à possibilidade de que a humanidade possa vir a desaparecer por um simples - ou não tão simples - fato físico natural, a explosão do mundo. Existiria a possibilidade do homem vir a desaparecer até fisicamente. A segunda linha de processos já mais complexos tem a ver com os chamados processos ecológicos, complexos de fim de século, pelos quais o domínio da natureza pelo homem criou uma série de contraprocessos popularmente denominados poluição, problemas da camada de ozônio na atmosfera, o que demonstra que os processos de relação metabólica entre o meio social, o ser humano e a natureza têm efeitos mais complexos e muitas vezes negativos. Traduzindo em uma linguagem um pouco mais complexa, isso significa que o processo de intercâmbio entre o homem e a natureza - a criação de maior ordem interna no universo humano - significa e tem implicações de criação de maior desordem no meio ambiente. Ou seja, o desenvolvimento da ordem social do ponto de vista dos recursos materiais implica uma ordem no nível natural. Uma terceira linha de complexidade gerada pelo próprio desenvolvimento social tem a ver com os avanços das tecnologias, sendo a mais conhecida delas a biotecnologia. E o que significa a biotecnologia fundamentalmente? É a possibilidade, hoje tecnicamente viável, embora ainda não levada à prática pelo menos oficialmente, de introduzir mutações no sistema genético. A história humana, à diferença da evolução de qualquer outra espécie animal, não se deu pela mutação do sistema genético mas pela acumulação de níveis de complexidade fora do sistema genético, ou seja, ao nível daquilo que denominamos cultura. Normalmente, de forma muito simplificada (obviamente há diferenças que é possível analisar), a cultura cumpre aquilo que no organismo animal se dá pelo aumento da complexidade do código genético. No ser hu-

mano, o código genético permanece estável e a acumulação de complexidade organizativa se dá no âmbito da cultura.

A história humana é nesse sentido uma parada da evolução genética e um desenvolvimento fora do aparelho bioquímico, ao nível daquilo que denominamos de cultura. E o que está contecendo hoje? Pela primeira vez a própria evolução cultural tem condições de retornar e retomar em cima daquilo que ficou parado por 500 mil, um milhão de anos, desde o momento em que o Homo sapiens apareceu no mundo. E tem condições também de ter um impacto sobre esse código genético. Se para se curar de uma doença o homem até agora procurava a solução via cultura, via complexidade de conhecimentos, com os remédios que tomava (mas que não tinham implicação orgânica), hoje é possível pensar em princípio que, através da manipulação do código genético, haverá modificações na estrutura genética humana que farão a necessária acumulação cultural. Já não vai ser mais o remédio que a cultura propõe - teoricamente teremos condições de atuar sobre o código genético, modificando portanto não só o processo de evolução cultural mas o processo de evolução genética. Tal atuação significa que, teoricamente - e isto não é teórico no sentido de que é tecnicamente possível -, a evolução cultural está se encontrando na fronteira da evolução genética, após cerca de um milhão de anos, dependendo de quando seja definido o início do homem no nível que conhecemos. Durante esse milhão de anos de evolução, a complexidade adaptativa do ser humano se deu ao nível da cultura. Esse mesmo processo de evolução cultural, hoje, está confrontando novamente a possibilidade de uma evolução via mutação genética. Obviamente para muitos esse plano pode parecer ficção, mas aqueles que acompanham os jornais sabem que já saímos da ciência ficção. A evolução cultural, portanto, está se encontrando com os limites da dimensão biológica do homem - e tecnicamente já é possível, embora legalmente não o seja, pensar em mutações genéticas do ser humano. Isto significa que, mesmo ao nível da capacidade técnica humana, teríamos que repensar o significado da evolução cultural quanto aos problemas de evolução genética. Obviamente o homem só poderá pensá-lo via sua própria cultura, via seu instrumental cultural. Mas na medida em que co-

meçar a haver um impacto sobre a evolução genética, não será mais possível pensar - ainda que tecnicamente - as problemáticas da evolução cultural independentemente da problemática da evolução genética. Isso sem considerar as dimensões anteriores que também são importantes, o que nos leva a situar esses problemas ao nível do desafio que a sociedade está colocando.

Voltando um pouco às Ciências Sociais eu diria ainda que, frente a esse desafio, mesmo nas regiões de fronteira estas apenas começam a tatear o terreno. Grande parte, senão a maioria dos cientistas sociais, reage contrariamente a essa problemática e tende a não reconhecê-la, o que é de certa forma natural. Por um lado existe um elemento compreensível e até positivo que é o seguinte: a Ciência Natural não oferece ainda os instrumentos para realmente fazer a ponte entre Ciência Natural e Ciência Social. Há elementos que é possível deduzir, hipóteses que se pode lançar, pontes que se pode começar a construir que tendem ligar os processos mais avançados, inclusive ao nível dos conhecimentos de neurofisiologia e de genética humana, com certos elementos de compreensão do processo societário e do funcionamento da mente humana e dos funcionamentos evolutivos em termos societários, em comparação com os desenvolvimentos evolutivos ao nível natural. Essas pontes estão sendo lançadas, às vezes de forma apressada, criando reações de parte dos cientistas sociais. Acredito na verdade que na última década esta seria uma polarização injusta, em que um grupo pulou do lado biológico dizendo: "Realmente é bom reconhecer que a Ciência Social 'não está com nada', vamos tentar dar conta desse fenômeno humano tal como damos conta dos fenômenos naturais". E de que forma? De duas formas, fundamentalmente.

A Sociobiologia, que é a corrente que tentou fazer essa ponte, tentou se apropriar desses fenômenos. A primeira ponte foi a criação da bioetologia. A etologia é o estudo da conduta animal. Fundamentalmente, a esse nível, a idéia de forma simplificada parte do princípio de que os padrões da conduta humana não são diferentes dos padrões de conduta animal. E não poderia ser de outro modo, na medida que o ser hu-

mano é um animal, produto de um longo processo adaptativo - e os padrões que acumulou durante esse processo adaptativo se manteriam na espécie humana. Portanto, independentemente do significado específico que se dê, fundamentalmente a idéia é observar os padrões de conduta animal, conferi-los com padrões de conduta humana e tentar criar uma teoria da conduta animal tout_court, incluindo nesse conceito o ser humano.

O outro approach utilizado pela Sociobiologia é aquele chamado neodarwinista. Também supondo que o ser humano é fundamentalmente um animal e que sua conduta está predeterminada geneticamente, tenta-se desenvolver uma teoria explicativa dessa conduta humana em termos de um processo de seleção genética, de genes. Se há uma conduta altruísta dá para demonstrar. Existe uma teoria muito interessante que supõe existir no ser humano um gene altruísta. O altruísmo tem a ver com uma adaptação lógica do conjunto, de uma espécie num momento determinado, que seleciona em um contexto, um meio ambiente determinado, esse tipo de gene. Ou seja, fundamentalmente trata-se de relacionar componentes, padrões de conduta humana ou de sociabilidade humana que, em termos da estrutura genética, estariam conformados historicamente por processos de adaptação que não seriam diferentes do processo de adaptação de qualquer espécie animal.

Obviamente que até agora toda essa teoria sociobiológica, especialmente a neodarwinista, tem um problema fundamental: os genes são puramente hipotéticos. Ainda não existe nenhuma capacidade científica de identificar a existência do chamado gene altruísta. E não é óbvio que conseguiremos chegar a esse ponto. Como vocês devem saber, existe um projeto chamado Genoma que até o ano 2000 - alguns pensam que até 2.010 - espera mapear o sistema genético humano. Existem várias complicações, inclusive de realização de informação - embora seja um projeto de mapeamento que necessariamente não oferecerá chaves em termos de conduta, a partir dele poderíamos avançar na direção do possível descobrimento de relações e de padrões de conduta e estrutura genética. Mas até agora muitos dos ele-

mentos lançados pela sociobiologia são hipotéticos e às vezes puramente dedutivos.

Uma segunda linha que vou tentar mencionar rapidamente é uma linha ligada a um químico-físico, Ilia Prigogini, que foi retomada na Ciência Social por um tcheco radicado nos Estados Unidos chamado Yanch. É basicamente uma teoria que tenta relacionar processos de ordem natural e ordem social ao nível mais abstrato possível. Uma das fronteiras que a Ciência sempre teve dificuldade de ultrapassar e inclusive levou a um certo divórcio epistemológico último entre a Ciência Social e as chamadas Ciências Naturais é que, pelo menos no mundo físico ou físico-químico, não há nenhuma ordem evolutiva, nenhuma ordem de maior ou menor complexidade, não há história, não há tempo, não há direcionalidade necessária. Quando perguntaram a Einstein o que achava do tempo humano ele disse: "É um problema para poetas, mas não para físicos. Sem dúvida uma coisa que me emociona, mas do ponto de vista físico o tempo humano é irrelevante". A idéia da acumulação, a idéia de direcionalidade, de complexidade crescente não se dá na ordem física; pelo contrário, do ponto de vista das leis físicas mais gerais o que se poderia até prever seria uma entropia crescente. Mas aí estamos inclusive no campo das hipóteses macrofísicas que não têm uma relevância imediata para a Ciência Física enquanto tal. Prigogini tentou demonstrar que o processo de complexificação crescente está também built_in, construído dentro da natureza - e é um processo tão relevante quanto o processo de entropia crescente. De que portanto daria para construir uma teoria física na qual a idéia de complexidade poderia estar incluída, ou seja, que na verdade a história humana não é uma aberração. A partir dessa idéia tentou mostrar como o processo de complexificação crescente da sociedade humana é parte de um processo evolutivo maior, o que ele chamou um processo de auto-organização crescente que se encontra na natureza e está construído também na natureza. E portanto a ordem do humano não seria uma aberração em relação à ordem do físico, haveria pontes possíveis.

No que se refere a estudos mais específicos não conheço nenhum tipo de aplicação mais precisa a não ser ao nível de grandes sistemas evolutivos, que é o que faz o Troiage. Outras linhas que estão, eu diria, na infância, mas nas quais muitos procuram ou pretendem investir ou apostar, são aquelas que tentam re-relacionar a ordem natural, a ordem social, os exercícios para compreender a estrutura da mente humana, que partem fundamentalmente da fisiologia e dos estudos da inteligência artificial e algumas extrapolações a partir desses exercícios.

É importante indicar que a sociobiologia, por sua vez, gera uma divisão interna quando se refere à ordem das ciências naturais. Parte considerável da corrente chamada neodarwinista considera que os conceitos de seleção natural que se encontram na ordem da evolução animal não podem ser aplicados na compreensão dos processos sociais. Na verdade existe uma divisão, uma crítica no interior das Ciências Naturais. Talvez forçando um pouco - e estou falando de forma altamente subjetiva - eu diria que hoje parte dos debates mais interessantes sobre a natureza do social se dá ao nível da Biologia de ponta. Entram nesse debate inclusive aqueles que tentam fazer a ponte imediata entre o neodarwinismo para a aplicação à compreensão do processo societário e aqueles que acham que não, que aí devemos parar e usar instrumentos diferentes. A pergunta a fazer seria a seguinte: "Está tudo bom, interessante, mas o programa Genoma custa 3 milhões de dólares, esse tipo de coisa é muito cara e nós não temos tanta informação, estamos meio distantes disso e assim por diante. Qual a relevância de tudo isso para o Brasil, inclusive a forma societária? Como intelectual acredito que nem sempre e não necessariamente um problema se justifica - e quero deixar isso muito claro - por sua relevância social imediata. Admito como cientista que todo problema que pode ser demonstrado como teoricamente relevante se autojustifica enquanto tal. Mas aqui - e nesta área em particular - acredito que o desafio é muito grande. Suponhamos que o que falei anteriormente é correto para processos de transformação não só societários mas inclusive ao nível da própria relação entre o homem e o meio ambiente, o

homem e a natureza. E já estamos na porta desses processos. Pergunto-me de que forma um país com os processos de autodeterminação, de autodefinição de projetos societários, de definição de prioridades, de descontrole não só da relação entre homem e homem, mas entre o homem e a natureza - como isso pode repercutir sobre um país como o Brasil?

Eu diria, para simplificar, que acredito que as tragédias e os dramas que poderão surgir nos países subdesenvolvidos do início do século serão multiplicados pelas próprias dimensões sociais. Em outras palavras, em países avançados o tratamento dos temas de ordem ecológica e genética e os temas de ordem societária é mantido de forma mais ou menos diferenciada, inclusive pelo alto grau de controle que a sociedade tem sobre suas próprias ações. Bem ou mal, de alguma forma os sistemas democráticos funcionam, é muito alto o controle que a população tem ao nível da informação, eu diria que impressionantemente alto. E nos países avançados a sociedade tem grandes possibilidades de definir seus interesses em relação a experimentos que poderão trazer conseqüências importantes para a humanidade enquanto tal. Em nossos países isso tende a cair a zero, como sabemos. E os exercícios, seja de mutação genética, seja de relacionamento com o meio ambiente, em países como os nossos podem levar a verdadeiros desastres. Caindo muito no concreto e muito no especificamente, sei já de um projeto que uma firma brasileira vinha tentando desenvolver para inseminar microorganismos geneticamente mutáveis no meio ambiente, sem ter o Brasil nenhuma lei a respeito e, portanto, sem qualquer capacidade inclusive de controle, de salvaguarda sobre isso.

Na medida que a humanidade se encontra cada vez mais na fronteira de realizar experiências que estão além de sua capacidade de controle, no sentido de que não existe experiência acumulada na própria natureza sobre as possíveis conseqüências disso; na medida que essas sociedades têm pouco ou nenhum controle sobre o seu sistema societário e sobre a relação que mantêm com a natureza, os efeitos de desastres ou por outro lado os efeitos do afastamento que pode acontecer relativamente aos grandes centros de desenvolvimento social, eco-

nômico e científico, tenderão a se acelerar nos próximos anos. Só um exercício - e aqui estamos, sim, aparentemente na ciência ficção. Se amanhã for possível fazer certas mutações genéticas muito claras em cima da população, mas que assegurem uma sobrevida de 30 anos, uma cura para uma série de doenças, nossas sociedades não terão essa capacidade de investimento e de disposição societária inclusive para fazê-las. (Sei que isso parece ficção, mas o cientista social deve pensar no limite em conseqüências e cenários possíveis.) Caso isso aconteça poderá haver uma diferenciação genética na humanidade. Pode parecer que estamos falando do apocalipse mas acredito que não. Acredito que isso pode ser argumentado e demonstrado, na medida que o Terceiro Mundo em geral, e nosso país em particular (já não sei se o Terceiro Mundo significa alguma coisa) é incapaz de avançar e controlar possíveis transformações que se encontram na fronteira da Ciência, mas que estão também na fronteira da sociedade e com impacto direto sobre o processo social. Já não estamos falando de aumento das distâncias econômicas, culturais, inclusive até teoricamente, em distâncias biológicas. E vou parar por aí ...